

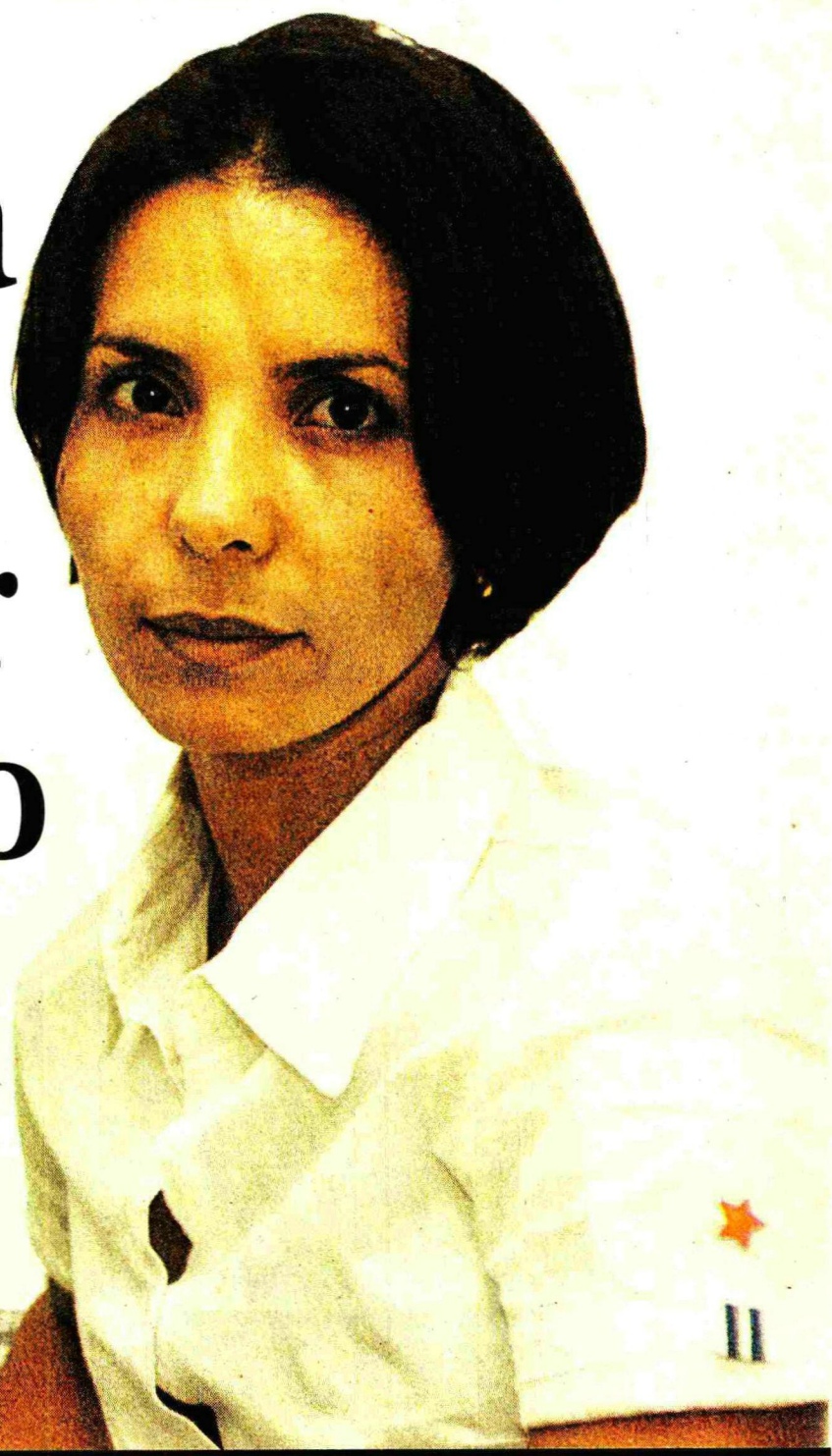
TRABALHO

Número de pessoas que desistem de brigar por uma vaga no mercado aumentou 69% nos últimos nove anos. Depois de muitas semanas procurando ocupação, sem encontrar, abatimento domina vários trabalhadores

Sem força para procurar emprego



DILMARA COM A FILHA KAMYL: "A DIGNIDADE DA PESSOA ESTÁ NO TRABALHO. ME SINTO UMA INÚTIL"

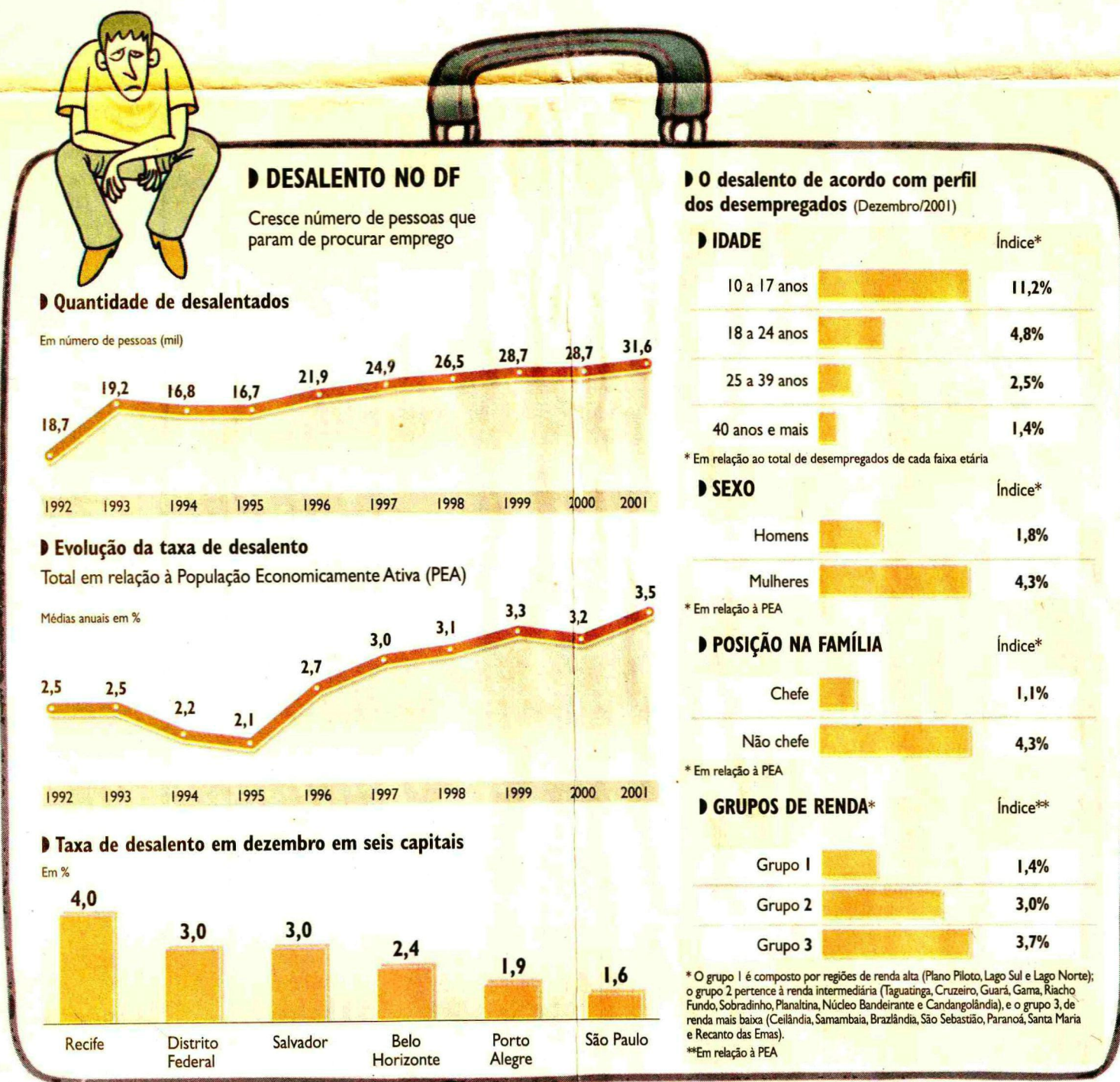


Rodrigo Ledo
Da equipe do Correio

Desalento, no dicionário, significa desânimo, abatimento, desesperança. Nas estatísticas de desemprego, desalentado é aquele que desistiu de procurar trabalho. E que mais facilmente se envolverá em situações de depressão, alcoolismo, violência e suicídio, conforme psicólogos. O desalento também é um atalho para a mendicância, afirmam os sociólogos. Nas pesquisas feitas no Distrito Federal, Dilmara Soares da Cunha, 27 anos, é um número entre milhares de desempregados desalentados. Em 2001, 31,6 mil pessoas passaram por essa situação, um aumento de 69% em relação a 1992.

Dilmara vive um cotidiano opressivo que o papel não mostra. Perdeu o emprego no início do ano passado e procurou trabalho até dezembro. Preencheu incontáveis fichas, distribuiu currículos, fez entrevistas, mas não conseguiu nada. Em janeiro, desistiu. "Ando sentindo sintomas como nervosismo. Fico nervosa à toa. Cheguei a procurar médico, porque estava tendo tonturas e taquicardia", conta Dilmara. O cardiologista que a atendeu nada detectou. "Não era pressão alta. Acabei não fazendo mais exames, porque estavam caros", lamenta. E chega a filosofar sobre sua tristeza: "A dignidade da pessoa está no trabalho. Me sinto uma inútil".

Dilmara se enquadra em um conceito conhecido como desemprego oculto por desalento, porque se abateu e parou de procurar emprego. Para outras pessoas, o motivo pode ser a simples falta de dinheiro para pegar ônibus ou se alimentar na rua na busca por trabalho. É o que dizem os técnicos do Departamento Intersindical de Estudos Sócio-Econômicos (Dieese), que calcula a taxa local de desemprego juntamente com a Secretaria de Trabalho e a Fundação Seade. "Quando o trabalhador declara na pesquisa que nos últimos 30 dias não procurou emprego, mas que buscou nos doze meses anteriores e ainda precisa do trabalho, se enquadra no desemprego oculto por desalento", define Graça Ohana, coordenadora da Pesquisadora de Emprego e Desemprego (PED) da capital federal.



Fonte: Dieese, Secretaria do Trabalho e Direitos Humanos, Fundação Seade/SP

Editoria de Arte/Joelson Miranda

PIOR EM BRASÍLIA

De acordo com a PED, o desemprego por desalento é, proporcionalmente, pior no Distrito Federal que em capitais como São Paulo, Porto Alegre e Belo Horizonte (leia quadro). A capital do país tem um dos maiores índices de desemprego por desalento, porque o trabalhador leva, em média, 62 semanas — mais de um ano — para encontrar ocupação. A taxa de desemprego foi de 19% em dezembro.

Alheia às estatísticas, Dilmara tenta se recuperar emocionalmente. Ela afirma estar melhorando graças a uma "garrafada"

(segundo a cultura popular, espécie de remédio caseiro vendido em garrafas) receitada por parentes há um mês como calmante. "Para mim funcionou. Não sei se é psicológico", divaga Dilmara, que mora com o marido e a filha de seis anos numa casa alugada no Riacho Fundo. A melhora da desalentada será importante para a família, que foi atingida não só pelo aspecto financeiro. "Não tenho paciência com meu marido, nem para brincar com minha filha", admite.

Dilmara não sabe, mas os efeitos do desalento em sua vida correspondem aos relatos de pesquisadores e especialistas

em trabalho. "Na Psicologia Social, essa situação é chamada de desamparo. Sabe-se desde 1975 que o resultado é uma probabilidade de três a quatro vezes maior de a pessoa desenvolver depressão", afirma Wanderley Codo, coordenador do Laboratório de Psicologia do Trabalho da Universidade de Brasília (UnB). Ele acrescenta que, "desenvolvendo ou não depressão, não há nada mais trágico para um adulto do que perder o trabalho". "A pessoa perde sua identidade", ressalta Codo.

A experiência dos atendentes da organização Centro de Valorização da Vida (CVV) também

espelha o desespero dos desalentados. São muitas as pessoas que ligam para o telefone do CVV para conseguir apoio moral. "Recebemos mais de duas mil ligações por mês. Muitas pessoas falam sobre o desespero e o desânimo de procurar emprego", atesta o coordenador do serviço, Rúbio Paniago.

A coordenadora de Saúde Mental da Secretaria de Saúde do Distrito Federal, Maria das Dores Araújo, concorda com a íntima relação entre o desemprego, desalento e problemas psicológicos e emocionais. A psiquiatra atende pacientes do Hospital São Vicente de Paulo — antigo Pronto-Atendi-

mento Psiquiátrico (HPAP). "Cerca de 20% dos nossos quatro mil atendimentos mensais são de pessoas que sofrem com esse problema. Apresentam estado depressivo, alcoolismo, envolvimento com drogas", lista Maria das Dores. Ela acrescenta que daí em diante muitos passam a ter comportamentos anti-sociais: "Surtem desajuste familiar, violência e furtos. Se o desempregado é levado à polícia, fica ainda mais revoltado, porque sabe que não é ladrão ou vagabundo".

FRACASSO DA SOCIEDADE

Quando não se revolta, fica remoendo o fracasso. E esse é um dos aspectos mais graves do desalento, afirma a professora Ana Magnólia Mendes, do Departamento de Psicologia Social e do Trabalho da UnB. "O desemprego aumenta cada vez mais, assim como as exigências das empresas nas contratações. É um fracasso de toda a sociedade, mas os desempregados acabam culpando a si mesmos", conta Magnólia.

É essa a situação de Dilmara, que completou o segundo grau e tem experiência como massagista estética e de pós-operatório, vendedora e assistente escolar. Ela acha que não consegue emprego, porque seu currículo é "fraco". Porém, os dados do Dieese apontam que a faixa de renda e escolaridade de Dilmara, moradora do Riacho Fundo, tem índice de desemprego por desalento quase tão alto quanto de pessoas de regiões com renda e escolaridade mais baixas (leia quadro). A situação só é melhor para pessoas do grupo que engloba moradores do Plano Piloto, Lago Sul e Lago Norte.

Para classes mais baixas, o perigo da longa permanência no desalento é a possibilidade de a pessoa cair na exclusão, diz o sociólogo Sadi Dal Rosso, da UnB. "Quanto mais tempo a pessoa fica parada, mais difícil é seu retorno ao mercado. Ela perde o círculo de relações que poderia lhe ajudar a arranjar uma ocupação." Para ele, "os desalentados estão muito à margem do mercado, e a um passo da mendicância". Às vezes, são os filhos dessas pessoas que são atingidos. "As famílias lançam mão de estratégias de sobrevivência, como colocar o filho na mendicância ou no trabalho precoce", lembra o sociólogo.